

Esgotamento do Modelo

"Desde pequena, ouço que o Brasil é o país do futuro. Agora o futuro chegou e comecei a temer que será breve"

Cynthia Benedetto, Diretora Financeira da Embraer
Valor Econômico, 13.09.2011

Este mês, nossa carta será um pouco mais conceitual e focada no médio e longo prazos do Brasil. Afinal, **as mazelas de curto prazo (o quebra ou não da Europa e a desaceleração global) continuam nos assombrando sem grandes novidades.** Serviu-me de inspiração a observação empírica do mundo que nos cerca e como suporte conceitual, o livro "Além da Euforia" de Fábio Giambiagi e Armando Castelar Pinheiro.

Estamos caminhando para o décimo aniversário do Partido dos Trabalhadores no poder e não seria intelectualmente honesto deixar de reconhecer alguns bons resultados na economia (na política já não há muito o que comemorar). **O PIB cresceu, na média, 4% ao ano (contra 2,3% dos anos FHC). O emprego teve uma expansão notável, com a taxa de desemprego caindo de 12% para 6% (praticamente o pleno emprego). E o indicador de Gini (que mede o grau de desigualdade social) também melhorou nestes anos Lula-Dilma.** Exemplo disso é o número de pobres que caiu de 38% em 2002 para 24% em 2009.

Pois bem, como é que o PT no poder obteve estes números expressivos? Foi tudo mérito das ações de governo? O modelo adotado ainda tem eficácia para manter o crescimento requerido? Perguntas que a carta abordará da maneira mais simples possível.

No começo, o modelo adotado pelo Partido dos Trabalhadores foi de manutenção dos pilares bem sucedidos do Plano Real (câmbio flutuante, disciplina fiscal e sistema de metas de inflação) enquanto promovia medidas para destravar e estimular o crédito. Um exemplo disso foi a correta adoção da alienação fiduciária como garantia dos empréstimos imobiliários, determinante para crescimento excepcional do setor. A massa de crédito aumentou em termos reais (acima da inflação) incríveis 15,6% ao ano entre 2003 e 2011.

Modelo esse que trouxe bons resultados, com a inflação razoavelmente sobre controle, o superávit primário robusto, acúmulo de reservas internacionais e um forte aquecimento na demanda interna por praticamente todos os bens e serviços. No entanto, o problema do pequinês é achar que pode enfrentar o pastor alemão, pois venceu o gato do vizinho. **Na segunda metade do governo Lula (já embriagado pelo sucesso), os pilares da estabilidade foram sendo gradativamente abandonados (hoje mal e mal temos a meta de superávit primário como pilar restante) e a política econômica se resumiu a "estimular o consumo de qualquer maneira".** O erro fundamental do *mantegonomics* (=política econômica do Mantega) é assumir que a demanda forte é o suficiente para gerar a sua própria oferta de bens e serviços. Isso equivale a dizer que alguém em queda livre pode se salvar apenas se puxando pelos próprios cabelos. **Nesse ponto estamos agora, para a surpresa dos oráculos petistas. Baixo crescimento, indústria sendo esmagada pela competição externa, inflação rigidamente acima da meta e uma população endividada além da conta.**

O modelo atual, do super bem estar social, com pouco investimento está claramente esgotado. A população endividada não tomará mais crédito para consumir mais. O estado, ineficiente, gastador e corrupto, não tem como investir pois tem despesas correntes enormes e o

empresariado privado, ao olhar para esse quadro e ao contabilizar os enormes custos de produção somados a um excesso de intervenção do governo, não se sente compelido a investir mais.

Na verdade, os bons números dos últimos 10 anos foram em parte mérito de algumas ações do governo, mas também, em grande proporção devido ao crescimento global no período, alavancado pela China. Entre 1995 e 2002, a América Latina cresceu na média 2,1% ao ano (em linha com os anos FHC) e nos anos seguintes 3,9% (em linha com os anos Lula-Dilma). **O fato é que tivemos anos de forte bonança e não aproveitamos para fazer reformas estruturais que atacassem o cerne do nosso problema que é a falta de competitividade (altos custos e baixa produtividade de mão de obra).**

Fazendo uma analogia com a tão estudada família de classe C, ícone petista a renda familiar aumentou, mas o incremento financeiro gerou um aumento de custos fixos (TV a cabo, celulares, etc.), maior endividamento (carro novo) e nada foi usado para um investimento em educação como cursos extra-curriculares ou pós-graduação, por exemplo. Este é o retrato do Brasil.

Ou seja, nos encontramos num ponto de vulnerabilidade. **Se a economia enfrentar um esfriamento mais agudo, a inadimplência aumentará significativamente, o que, por sua vez, comprometerá a saúde dos bancos, em especial dos mais frágeis. A crise de 2008/2009 mostrou que as finanças públicas podem parecer estar em ordem, até que os governos tenham que socorrer o sistema financeiro, que, quase sempre, é muito grande para quebrar.**

Com uma taxa de desemprego já abaixo dos 6%, não há como extrair mais crescimento pela incorporação dos desempregados à massa de consumo. O empresariado brasileiro, neste ponto, tem que se contentar com um funcionário mais caro e pior qualificado. **Afinal, em país que faz Copa do Mundo e Olimpíadas a educação definitivamente não está na pauta de prioridades.**

Os sinais são razoavelmente claros. Porém, para quem é martelo, tudo na vida é prego. A dupla Dilma/Mantega continua insistindo que aumentar o consumo via aumento do endividamento trará progressos. O que há é um irresponsável empurrão do já endividado cidadão para o abismo.

Nesta toada, **o que se pode esperar é um crescimento anêmico da economia, uma inflação com viés de alta e uma vulnerabilidade maior do que a desejada às crises que levem a uma contração aguda de atividade interna.** O gato subiu no telhado.

Vamos nos aproximando de uma encruzilhada onde faremos as reformas requeridas ou a situação de bem estar econômico não perdurará. Há duas grandes reformas pela frente. A primeira é a do estado em si, com a redução do seu tamanho, dos gastos correntes, a profissionalização (isto é, redução dos cargos comissionados), mais da eficiência e, em especial, a criação de mecanismos que tragam a epidêmica corrupção para níveis ao menos aceitáveis. A segunda grande reforma é a educação. Um número ilustra bem o nosso desafio. A Coreia (do Sul, desnecessário dizer) tem 17 engenheiros para cada 100 mil habitantes. O Brasil não chega nem a 3 engenheiros pelo mesmo número de habitantes. **Como crescer com uma mão de obra tão mal qualificada?**

Como se trata de tendência de médio e de longo prazo, é claro que o abismo não nos espera logo ali na esquina. **Mas o futuro chega. Ele sempre chega.**

